

Leituras e leitores populares: a *Bibliothèque bleue* e a literatura de *colportage*¹

Roger Chartier*

Resumo

Este artigo trata da historiografia da *Bibliothèque bleue* e da literatura de *colportage* na França do Antigo Regime. Enfatiza, também, a rede de interdependências sociais que se estabelece entre *colpouteurs*, editores e leitores, buscando referências em autores como Robert Mandrou, Lucien Febvre, Geneviève Bollême, entre outros, que recuperam a circulação de textos publicados por editores em Troyes e difundidos em larga escala pelos *colpouteurs* na França. Também recupera a maneira como os textos destinados ao público popular são difundidos na Espanha, através dos *pliegos sueltos*, e na Inglaterra, com as *ballads*. Assim, história a circulação de uma literatura largamente difundida na Europa entre os séculos XVI e XIX, auxiliando a recuperar as práticas de leitura e de escritura em voga nesses períodos.

Palavras-chave: *Bibliothèque bleue*, literatura de *colportage*, cultura popular, circulação dos livros, repertório de leituras

Como se debruçar nos dias de hoje, sem repetições inúteis, sobre o *corpus* de textos e de livros que constituiu na França a literatura de *colportage*¹ e que foi objeto de muitos estudos há mais de trinta e cinco anos? A tarefa parece impossível. Uma boa maneira de precisar os contornos é, talvez, atravessar a grandes passos os diferentes tempos da história da *Bibliothèque bleue*².

O primeiro foi o da redescoberta. A publicação do livro de Robert Mandrou em 1964 marca uma data essencial.³ É com ele, com efeito, que o repertório das edições troyanas vendidas por *colportage* e publicadas para um número maior e mais humilde de leitores faz a sua entrada sobre a cena historiográfica. A constatação não deve, no entanto, esquecer que neste *corpus* de edições já tinha sido tornado presente de diversas maneiras: pela censura,

* Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais / Paris

com o livro de Nisard de 1854, que era o resultado dos trabalhos da Comissão Examinadora dos Livros de *colportage*; pelos trabalhos de erudição efetuados em Troyes mesmo por Emile Socard e Louis Morin, e por um primeiro estudo do conjunto devido a Pierre Brochon, aparecido em 1954.⁴

O significado do livro de Robert Mandrou é indicado claramente pelo seu título. Desde a publicação de *Introduction à la France moderne* em 1961,⁵ o seu projeto intelectual visa caracterizar a “psicologia coletiva”, a “visão do mundo” ou a “mentalidade” própria a cada meio profissional, a cada grupo social, a cada classe. Trata-se, por conseguinte, para o autor de ir além da determinação da ferramenta mental e afetiva comum a todos os homens e mulheres de uma sociedade e de prolongar o programa traçado por Lucien Febvre chamando atenção sobre as diferenças sociais. A interpretação do *corpus* dos textos publicados pelos editores da cidade de Troyes e difundidos à grande escala pelos *colpouteurs* como “o alimento de uma cultura dos meios populares”. E a conclusão do livro: “a biblioteca de *colportage* alimenta e reflete ao mesmo tempo a visão do mundo e dos homens que os meios populares abrigaram durante os últimos séculos do Antigo Regime”.

Robert Mandrou precisa o diagnóstico indicando:

“A literatura de *colportage* é mais representativa da cultura popular rural que da urbana” [sublinhamos]. O *corpus* dos textos publicados em Troyes constitui, por conseguinte o quadro de jornalecos⁶ rurais estudados por Jean-Pierre Se-

guin⁷ e que é, de acordo com Mandrou, o “reflexo dos sonhos e dos medos do povo das cidades”.

O seu livro avança num certo número de idéias fundamentais, seguidamente retomadas por numerosos trabalhos. Para ele, a *Bibliothèque bleue* deve ser compreendida como um conjunto de textos que foi escrito para as classes populares, que modelou e exprimiu uma mentalidade rural e que impôs aos seus leitores a submissão do ensinamento cristão e às regras sociais. Nesse sentido, ela difundiu uma literatura de alienação. Após Mandrou, numerosos foram os trabalhos que desenvolveram o conhecimento do catálogo troyano explorando a totalidade ou parte destas constatações – em especial os de Geneviève Bollême.⁸

Veio, então, o tempo das revisões e dos debates. Eles se organizaram em torno de duas interrogações essenciais, todas ligadas ao trabalho de Henri-Jean Martin. A primeira, de ordem sociológica, coloca em questão a idéia de uma circulação fundamentalmente rural da *Bibliothèque bleue* e opõe-lhe a importância da divulgação parisiense dos títulos impressos em Troyes e o lugar tido pelo mercado dos leitores da capital nas estratégias comerciais de seus editores.⁹ O diagnóstico apóia-se sobre os arquivos relativos aos livreiros parisienses e sobre os endereços indicados sobre as páginas de título de um certo número de edições, que permitem elaborar as três constatações seguintes: de uma parte, alguns dos membros das famílias dos livreiros de Troyes especializadas no comércio da *Bibliothèque*

bleue instalaram-se em Paris (assim no Oudot ou Febvre); de outra parte, os estabelecimentos comerciais de alguns livreiros parisienses continham uma grande quantidade de exemplares de edições troyanas; por último, certas edições associam sobre a página de título o nome de um impressor de Troyes e o endereço de um livreiro de Paris, indicando, assim, ao comprador da capital onde poderia encontrar a obra. Essa série de indícios nos leva a reavaliar a circulação dos livros da *Bibliothèque bleue*, que não pode ser tida nem como exclusivamente, nem como prioritariamente rural – pelo menos no século XVII.¹⁰ Conduz, também, a reavaliar o comércio (*colportage*) do impresso, doravante considerado um comércio que era também urbano.

A segunda revisão é bibliográfica e leva-nos a constituição e a composição do comércio mesmo da *Bibliothèque bleue*. Teria sido impossível sem a publicação em 1974 do catálogo de Alfred Morin, que dava, pela primeira vez, uma visão do conjunto, se não da atividade editorial troyana, dado que os almanaques eram excluídos, pelo menos dos títulos e dos gêneros impressos em Troyes para o mercado dos livros azuis.¹¹ É esse inventário que fundamenta as propostas formuladas por Henri-Jean Martin num ensaio que abriu novas perspectivas de investigação.¹²

A origem e as migrações de numerosos textos do catálogo azul demonstram que eles não foram escritos nem para os livreiros de Troyen, nem para os leitores populares. A sua entrada no repertório de *colportage* situa-se

no termo ou num momento de uma história longa, caracterizada por uma escrita letrada (ainda que numerosos sejam os textos procedentes da tradição oral), por uma pluralidade de edições anteriores às impressas em Troyes e por uma sucessão de públicos com identidades sociais formadas e móveis. A *Bibliothèque bleue*, seja ela troyana ou rouenense,¹³ deve, portanto, ser concebida como uma fórmula editorial que permitia a venda barata das edições, cujos custos de produção eram baixos e que, assim, assegurava uma circulação mais ampla, para além da clientela das livrarias, dos textos que tivessem conhecido uma primeira vida impressa, às vezes extremamente longa.

Essa dupla reavaliação da circulação dos livros azuis e a composição do seu repertório deram origem a um grande número de trabalhos. De início, foi destacada a progressiva constituição do catálogo troyano a partir das escolhas feitas pelos seus primeiros editores: Claude Garnier no fim século XVI, seguido pelos dois primeiros Oudot.¹⁴ A consideração das estratégias editoriais próprias de cada livreiro-impressor troyano propõe uma visão dinâmica e evolutiva de um conjunto de textos considerados, apressadamente, estáveis e coerentes. Composto por títulos reeditados há vários séculos, mas também por outros de vida mais curta, ou mesmo limitada a só uma edição, assim, a *Bibliothèque bleue* é um *corpus* em movimento, constituído a cada momento de títulos antigos e de novidades, caracterizado pelas permanências e pelos abandonos.

A atenção recai, igualmente, sobre as razões que levaram os livreiros e impressores troyanos a optar por tal gênero ou tal título que convinha ao seu projeto editorial e comercial. Em virtude da ausência de fontes diretas, as conclusões não podem ser hipotéticas. Elas sublinham um fato essencial: a existência de séries coerentes no interior da *Bibliothèque bleue*, fundadas sobre a homogeneidade de certos gêneros (vidas de santos, novelas de cavalaria, contos de fadas), sobre a unidade de um campo de práticas (exercícios devocionais, recolhimentos de receitas, livros de aprendizagem) ou sobre o retorno de uma mesma temática (discursos sobre as mulheres, sátiras dos ofícios, literatura vulgar (de *gueuserie*), gritos de Paris)¹⁵. A constituição de semelhantes conjuntos de textos, abertos à acolhida de novidades que incluem as fórmulas de títulos já publicados, ajusta-se bem às competências de leitores mais aptos a reconhecer o que eles já conhecem e a descobrir formas originais. Essa abordagem foi apoiada e traduzida, ao mesmo tempo, pela coleção de reedições de textos do catálogo troyano dirigida por Daniel Roche.¹⁶ Demasiado cedo encerrada, infelizmente, esta “biblioteca” era organizada a partir de volumes que reuniam, como podiam ter feito os editores e leitores antigos, os textos pelo seu tema, sua forma ou sua utilização.

Enfim, reduzindo ainda a escala de análise, o estudo de certos títulos específicos permitiu localizar as intervenções operadas pelos “editores” (no duplo sentido do termo) sobre os textos que eles escolhiam para o repertório

da literatura de *colportage*. Estes, que são como a figura invertida das novas redações do repertório tradicional,¹⁷ situam-se sobre três registros (que não estão aliás presentes em todos os casos): o resumo dos textos, seus cortes e a multiplicação dos capítulos e parágrafos, e a censura das passagens ou as fórmulas tidas como blasfematórias e imorais. Esse triplo lógico (textual, formal e cristão) governa a adaptação dos textos à fórmula editorial inventada pelos livreiros de Troyes – e às competências que eles supunham aos leitores mais populares. Governa, igualmente, as eleições ou as exclusões operadas pelos livreiros no interior do conjunto de todos os textos que, dados o seu tipo ou o seu tema, poderiam entrar no repertório da literatura de *colportage*.

Na década 90, a *Bibliothèque bleue* conhece um tempo de esquecimento, apagamento. O interesse dos historiadores pelas literaturas de *colportage* do Antigo Regime diminui como se tudo tivesse sido escrito a respeito do assunto. Ainda que certos trabalhos prossigam com as perspectivas de investigação abertas anteriormente, o interesse desloca-se sobre os gêneros editoriais que tomam o século XIX e a distribuição da literatura de *colportage*. Eles se apóiam sobre a industrialização das técnicas de impressão e composição, sobre as novas estruturas das livrarias e sobre o crescimento do público leitor a partir da escolarização obrigatória.¹⁸ Um novo conjunto de conhecimentos assim foi acumulado a partir de monografias de editores especializados na literatura “popular”, no

estudo de fórmulas editoriais inéditas (coleções,¹⁹ bibliotecas de estação,²⁰ publicações por fascículos, literatura das calçadas²¹), ou, ainda, a análise das técnicas e estratégias comerciais.²²

Após esse tempo de menor interesse, os documentos impressos destinados a um número maior e mais popular de leitores retêm outra vez a atenção dos historiadores. Prova disso é o colóquio efetuado na cidade de Troyes em novembro de 1999,²³ um mês antes, ao da Universidade de Versailles-Saint-Quentin-en-Yvelines consagrado aos almanaques populares.²⁴ As orientações desses dois encontros traduzem claramente a deslocação das interrogações que são operadas desde os anos 70 e 80.

O primeiro consiste em colocar o caso francês num contexto europeu – e americano. Os primeiros passos desta investigação comparatista foram feitos num colóquio internacional acontecido em Wolfenbüttel no ano de 1991.²⁵ Chega-se à constatação de que em todos os países europeus e em suas colônias circulam tipos impressos que compartilham as mesmas características: uma edição de baixo custo, a venda pelos *colporteurs*, a publicação de textos destinados às competências e expectativas dos leitores mais numerosos.²⁶ Por toda a parte existe uma relação estreita entre uma fórmula editorial, um *corpus* de textos e um público popular.²⁷

Mas, de acordo com os tempos e os lugares, essa associação toma formas diversas, ou seja, dois exemplos. Nos séculos XVI e XVII, em Castille, a fórmula de impresso de maior número é o *pliego suelto* – que significa uma folha

de impressão, dobrada duas vezes, que origina um objeto impresso de formato *quarto*, composto de quatro folhas e, por conseguinte, de oito páginas.²⁸ Vários gêneros são difundidos por este objeto impresso (que pode, aliás, comportar várias folhas). O mais comum são os romances, que são poesias compostas de versos octossilábicos, com a repetição da vogal acentuada ao fim de cada verso par, os quais são originados da poesia épica medieval, quer dizer, as canções de gesto das quais eles seriam fragmentos que se tornaram autônomos, quer da poesia lírica tradicional, quer das *ballades*. Encontram-se, assim, associados um tipo poético curto e um tipo editorial completamente adaptado às possibilidades das tipografias espanholas dos séculos XVI e XVII, caracterizadas por pequenos ateliers com capacidade de produção limitada, mas que podem, com só uma imprensa, imprimir num dia entre 1250 e 1500 exemplares de uma folha impressa. O sucesso da fórmula é atestado pelo grande número de títulos publicados no século XVI.

Se, inicialmente, a fórmula impressa se ajusta à forma poética, o movimento seguinte é inverso. O primeiro repertório de romances impressos, os romances “viejos” resulta das escolhas feitas pelos livreiros da primeira metade do século XVI no interior da tradição oral e manuscrita. Os romances “nuevos”, escritos em seguida por poetas letrados tais como Góngora ou Lope de Vega para leitores mais competentes e aptos, reempregando a métrica tradicional dos textos antigos, brincando com os arcaísmos da

língua e submetendo-se às dimensões dos *pliegos*. O mesmo acontece com os romances de “cego”, dirigidos a um público popular por autores anônimos e especializados, apresentados por aqueles mesmos que asseguram seu comércio, a saber: os cegos (os *ciegos*) *colporteurs* de impressos.²⁹

Em Castille, os cegos são, com efeito, organizados frequentemente em confrarias, que têm o monopólio da venda dos impressos mais modestos os quais eles cantam os títulos ou os textos.³⁰ Os romances não são os únicos gêneros que eles propõem aos seus clientes. Eles vendem, igualmente, as “relaciones de sucesos”, que apresentam narrações em prosa de grandes fatos políticos ou de eventos extraordinários e, a partir da metade do século XVII, o texto de comédia, representado em teatros lotados das grandes cidades espanholas.

Na Inglaterra, as *ballads* constituem o gênero fundamental da literatura de *colportage* entre meados do século XVI e XVII, com cerca de três mil títulos em circulação.³¹ Trata-se de textos largamente difundidos devido a seu preço muito baixo, que os colocam ao alcance dos compradores mais modestos. As *ballads* são impressas geralmente sobre só um lado de uma folha impressa, de acordo com uma disposição regular em que, da parte superior à parte inferior da folha figuravam o título, a indicação do tom da melodia sobre a qual a *ballad* deve ser cantada, uma gravação em madeira e o texto poético distribuído em duas colunas. Esses *broadside ballads* (o termo *broadside* designa a folha impressa

de um único lado) podem ser colados sobre um muro, no interior da casa ou num lugar público, e, também, circular de mão em mão. A forma mesma do objeto impresso sugere que as *ballads* eram lidas em voz alta por aqueles que eram mais bem alfabetizados que os outros, podendo servir de mediadores de leitura aos menos doutos.

A indicação da melodia que figura no *broadside* indica, também, que o texto é feito para ser cantado, com ou sem acompanhamento instrumental, quer pelos músicos profissionais que cantam nas feiras, nos mercados, nas tabernas, durante as festas urbanas ou nas residências aristocráticas, quer pelos bandos de atores que inserem as canções nas peças que representam, quer, por último, pelos *colporteurs* que, não somente vendem as *ballads*, mas também as cantam.

As *broadside ballads* constituem um amplo mercado, progressivamente conquistado por livreiros especializados que quase estabelecem um monopólio sobre o gênero. A partir de 1624, cinco livreiros-editores da Stationers' Company, os *ballad partners*, compartilham a divulgação em larga escala das folhas impressas que contêm as canções. Aproveitando as suas numerosas vantagens (o controle das redes de vendedores, o conhecimento das preferências dos leitores populares, a propriedade dos títulos de grande circulação), esses editores de *ballads* inventam e exploram na década de 1620 um novo comércio: o dos *chapbooks* ou livros de *colportage*.³² A fórmula editorial é rígida, distinguindo claramente três categorias de impressos: os *small books*

que comportam vinte e quatro páginas em formato oitavo ou *in-doze*, vendidos a dois pences ou dois pences e meio; os *double books*, compostos de vinte e quatro páginas em formato *in-quarto*, que custam três ou quatro pences; as *histórias*, que têm entre trinta e duas e setenta e duas páginas e cujo preço é de cinco ou seis pences. O repertório em que se ampara a fórmula dos *penny books* retoma, adapta e, às vezes, abrevia textos antigos, religiosos ou seculares, que pertencem a gêneros e tradições diversos e que são próximos aos que, à mesma época, os livreiros e impressores de Troyes escolhem para os livros azuis. Distribuídos pelos *colporteurs* a leitores que pertencem a todos os estratos sociais, incluindo os mais humildes, os *chapbooks* conhecem numerosas edições e grandes tiragens. Nos anos 1660, a edição inglesa publica um *chapbook* para doze famílias – e um almanaque para três. No século XVII, e mais ainda nos seguintes, a rigidez das diferentes formas editoriais parece menos forte, como o provam a variedade dos formatos e a dimensão dos livros da *Bibliothèque bleue* e a diversidade dos gêneros que compõem o repertório do cordel.³³

Antes mesmo das concorrências dos novos tipos de impressos que aparecem no século XIX, os catálogos das livrarias de *colportage* entram na era da diversidade, desfazendo as relações estreitas que uniam formatos e textos. Uma segunda deslocação dos estudos consagrados ao *corpus* dos impressos destinados aos mais numerosos dos leitores foi levada pela relação renovada entre as práticas da leitura e as da

escritura. Um colóquio internacional realizado à Ascona em novembro de 1996 marcou fortemente esta nova perspectiva de investigação³⁴. O seu ponto de partida é dado paradoxalmente pela constatação da separação das duas práticas. Elas aumentam, com efeito, dois modelos distintos de alfabetização e aculturação da escrita.³⁵

O saber ler responde às vontades das Igrejas, preocupadas em se fazer interiorizar pelos fiéis, graças à leitura dos catecismos, pelos guias espirituais e obras de devoção, as exigências da religião reformada (ou contra-reformada). O saber escrever é pedido pelas comunidades e pelos indivíduos, que esperam um melhor controle das relações com os outros, um controle mais eficaz do tempo e da economia familiar, ou uma gestão mais certa dos negócios. Cada uma das aprendizagens tem seus lugares próprios (a escola paroquial ou a loja do mestre escrivão), suas técnicas específicas (a soletração ou a cópia) e os seus fins específicos: de um lado, a submissão, suposta passiva, à autoridade do texto, ou, de outro, a possibilidade, julgada às vezes perigosa, de uma comunicação livre e secreta. De outro, a preferência que faz considerar como suficiente para os meios populares uma alfabetização do ler apenas e a representação largamente compartilhada que conduz a manter as mulheres de fora da escritura. Por outro, também, o esforço perseverante de excluir a escritura para conquistar e exercer uma competência que os poderes, religiosos ou políticos, lhe negam.

A entrada das sociedades ocidentais na cultura da escrita pode, portanto, ser pensada como a história da passagem ou da subversão das divisões impostas pelas representações coletivas e as práticas de ensino. Conquistando o controle da escritura, da qual eles deviam ser excluídos, apropriando-se dos textos que não lhes eram destinados, os meios populares como, de uma outra maneira, as mulheres,³⁶ perturbam as divisões culturais enunciadas pelos discursos dominantes e, frequentemente, interiorizados pelos dominados.

As investigações sobre a literatura de *colportage* podem aproveitar-se dessa nova abordagem, mais global, da cultura escrita. De uma parte, devem localizar no *corpus* dos textos publicados os que, mais que outros, são suportes possíveis para que possam ser imaginados os desvios no que diz respeito à ordem social. De outra parte, podem se agarrar às relações tecidas entre as práticas populares da escritura, sejam autobiográficas ou não, e os textos difundidos pelo *colportage*. Estes fornecem aos mais humildes dos “escritores” os léxicos, as fórmulas e os modelos mobilizáveis para quem quer escrever a sua vida ou registrar o curso dos trabalhos e dos dias.³⁷

Esse breve sobrevôo historiográfico não era mais que uma ambição: mostrar a capacidade inesgotável das modestas edições da *Bibliothèque bleue* troyana, levar a novas interrogações e inspirar o olhar comparatista. O primeiro mérito do regresso à história da *Bibliothèque bleue* e, mais geralmente, às literaturas de *colportage*, é destacar

modalidades de publicação que não valem somente para os repertórios “populares”. Com os livros publicados para um maior número, esses mecanismos têm sem dúvida, uma forma particular, mas eles comandam igualmente os modos de edição das obras literárias mais canônicas – ainda que, frequentemente, a história da literatura as tenha esquecido.

De início, no caso dos livros de *colportage*, os múltiplos atores e operações implicadas no processo de publicação encontram-se separados por largos desvios cronológicos e geográficos. Os textos consolidam, assim, as presenças muito distantes um do outro: primeiro, a do autor, anônimo ou nomeado, a dos “modificadores” às identidades múltiplas (livreiros, mestre-impressor, letrados), o editor, o livreiro ou impressor, a dos compositores no interior do atelier da tipografia. Essa longa cadeia de intervenções amplia como a lupa os mecanismos comuns que governam a edição dos textos, sujeitos às lógicas (sucessivas ou contemporâneas) de escritura e a nova redação, a cópia manuscrita, da composição tipográfica.

O efeito mais imediato destas deslocamentos do texto de um mundo a outro é a sua mobilidade. São duas figuras essenciais para o repertório do *colportage*. A entrada de um texto num número maior para edição pode alterar o estatuto sem, no entanto, alterá-lo profundamente. É o caso, por exemplo, com o balanço do lado do realismo do gênero *poissard* ou a entrada no domínio da bibliofilia dos livros *populares*. Mas, geralmente, a mobilidade dos

textos provém das transformações e das novas redações que impõem-lhes as exigências morais ou estéticas que governam a sua nova forma de publicação, bem como as expectativas dos compradores populares como imaginavam os seus editores.

As trajetórias textuais e editoriais das histórias de Mélusine, Valentin e Orson, os Quatro Filhos Aymon ou Robert, o Diabo são tanto de ilustrações desta maleabilidade das obras acolhidas pela *Bibliothèque bleue*. Pierre Bourdieu tem razão ao dizer que, mesmo fixa na sua forma, as obras se alteram porque o mundo se altera, a começar pelo mundo dos seus leitores. Mas pode-se acrescentar que as obras se alteram, igualmente, porque as mudanças do mundo, através das remodelações e das novas redações, transformam-no elas mesmas.

Como todos os livros ilustrados, mas ainda de maneira evidente, a relação entre o texto e a imagem nas obras para o *colportage* estende-se sobre vários registros. O primeiro é material e editorial, organizando a distribuição das ilustrações a partir das possibilidades oferecidas pelas diferentes técnicas de gravura e das decisões dos impressores. A segunda é semântica, inscrevendo os efeitos de sentido produzidos pelos relatórios instituídos entre textos e imagens quer, na simples contiguidade, frequentemente aleatória, entre uns e outros sobre a página impressa, quer nas escolhas conscientes dos editores. O terceiro é sociocultural, fazendo da ilustração um apoio para a entrada dos mais

necessitados na cultura escrita que encontram nas imagens uma ajuda para o deciframento e a compreensão dos textos. Os livros azuis permitem, mais que em outros, devido ao reemprego das mesmas madeiras para ilustrar cenas muito diferentes, de medir a distância que separa a linguagem própria da imagem do discurso ou, para dizer como Louis Marín, “a insuficiência do visível ao texto”.

A recente reavaliação das literaturas de *colportage* indica também quais são as faltas do nosso saber. No caso da *Bibliothèque bleue*, é de ordem fundamentalmente bibliográfica, seria necessário, de início, localizar as edições das quais nenhum dos exemplares está elencado quer porque todos desapareceram, quer porque os que subsistem pertencem a colecionadores privados e são inacessíveis. Esse recenseamento necessário dos exemplares conservados poderia ser o fundamento de descrições bibliográficas mais rigorosas, preenchendo progressivamente as lacunas deste magnífico instrumento de trabalho que é o Catálogo de Alfred Morin. Trata-se, por conseguinte, mesmo além dos protocolos descritivos da bibliografia analítica, de aplicar aos livros de *colportage* as diligências críticas levadas a efeito recentemente sobre as edições shakespearianas.³⁸

A atenção dada à “materialidade dos textos”, isto é, às formas da sua inscrição e distribuição sobre a página e no livro, é a condição para que possa ser compreendida a mobilidade das obras de uma edição a outra e as singularidades de cada exemplar. O mecanismo

é duplo: seguir um “mesmo” texto nos seus diferentes estados, discursivos ou gráficos; analisar cada exemplar conservado a fim de propor hipóteses prováveis quanto aos significados que seus leitores puderam atribuir-lhe. Chegou o tempo em que as técnicas e questionamentos bibliográficos reservadas até aqui às obras mais canônicas devem apoderar-se dos livros mais humildes.

O aprofundamento dos conhecimentos a propósito dos repertórios do *colportage* torna mais difícil ainda a sua interpretação. Uma primeira tensão reside na dificuldade para vincular abordagens muito diferentes: aquelas que constroem as histórias específicas de cada gênero, de cada título, de cada texto, e as que visam restituir a coerência global das escolhas e as práticas que definem uma fórmula editorial específica. Tudo se passa como se o reconhecimento da extrema diversidade de destino, de estatuto e de significado de cada um dos textos que compõem a *Bibliothèque bleue*, o catálogo dos *chapbooks* ou o conjunto da literatura de cordel, nublassem a sua identidade global.

É necessária uma interrogação quanto à escala de análise mais relevante para compreender os repertórios dos impressos. É preciso agarrar-se à trajetória de um título particular? Ou aos diferentes componentes de um determinado gênero? Ou, ainda, ao conjunto do *corpus*, apreendido em diacronia ou sincronia? A resposta varia, sem dúvida, em função do ponto de vista adotado: genealogia textual, história da edição ou sociologia da

leitura. A incerteza quanto à maneira de definir a coerência das livrarias de *colportage* leva, igualmente, a deslocar o lugar da sua identificação. No caso da *Bibliothèque bleue*, ela tem, sem dúvida, dois elementos: de uma parte, os jogos, ao mesmo tempo, carnavalescos e burlescos, que parodiam as linguagens, os léxicos e as convenções dos discursos sérios do mundo social; de outra parte, a produção de estereótipos que propõem ao povo leitor as representações do “popular” completamente estranha a que este pode conceber e notar dele mesmo. Assim, os livros azuis seriam como a poesia gauchesca, que, como indica Borges, é escrita numa língua popular que nunca os gaúchos utilizaram.³⁹

Tal observação torna mais opaco ainda o enigma da leitura dessas obras. De uma maneira paradoxal, a multiplicação dos trabalhos consagrados às leituras populares aumentou, não reduziu, as incertezas quanto às competências dos leitores mais humildes, à percepção que eles tinham dos diferentes gêneros textuais, ou aos processos pelos quais davam sentido aos textos que liam. Diante das nossas ignorâncias, grande é o risco de uma projeção retrospectiva e anacrônica dos nossos próprios critérios do “legível”. Não está certo, por exemplo, que as paginações compactas, as múltiplas falhas tipográficas e as incoerências textuais que desencorajam a nossa leitura constituíram também obstáculos a uma compreensão “popular” dos livros azuis, que é fundada sobre o reconhecimento de temas e de motivos já conhecidos, uma apreensão “gráfica” do texto, uma relação global do objeto impresso.

A desordem da interpretação, no entanto, é felizmente atenuada pelo cruzamento de três conjuntos de dados: os vestígios (infelizmente, raros) deixados pelos leitores mais populares; a medida do sucesso desigual dos diferentes gêneros ou títulos, graças ao recenseamento das edições e dos exemplares conservados nas lojas dos livreiros; a significação que podemos atribuir às remodelações e às reescrituras que asseguraram a extraordinária longevidade de certos títulos. A história da *Bibliothèque bleue* e das livrarias de *colportage* não está fechada. Guarda ainda alguns dos seus mistérios e, mais ainda, define uma figura exemplar do entrelaçamento entre a história dos textos, a história dos livros e a história das leituras.

Tradução: Fabiane Verardi Burlamaque

Abstract

This article is about the historiography of the Bibliothèque Bleue and the colportage literature in France during the Old Regime. It also focus on the social interdependent net established between colporteurs, publishers, and readers, searching for references in authors such as Robert Mandrou, Lucien Febvre, Geneviève Bollême, among others, who restored the circulation of texts published in Troyes, diffused in a wide range by the colporteurs in France. It restores, as well, the way through which texts for the popular public are diffused in Spain, through

the pliegos sueltos, and in England, through the ballads. This way, it historicizes the circulation of a widely diffused literature in Europe between the 16th and 19th centuries, helping rescue the reading and writing practices in vogue in those periods.

Key-words: Bibliothèque Bleue; colportage literature; popular culture; books circulation; reading repertoire.

Bibliografia

AMELANG, James. *The Flight of Icarus: Artisan Autobiography in Early Modern Europe*. Stanford: Stanford University Press, 1998.

ANDRIÈS, Lise. *La Bibliothèque bleue au XVIIIe siècle: une tradition éditoriale*. Oxford: At the Taylor Institution, The Voltaire Foundation, 1989.

_____. *Le Grand Livre des Secrets: Le colportage en France aux 17e et 18e siècles*. Paris: Imago, 1994.

ANDRIÈS, Lise; BOLLÈME, Geneviève. *La Bibliothèque bleue. Littérature de colportage*. Paris: Robert Laffont, Bouquins, 2003.

BAROJA, Julio Caro. *Ensayo sobre la literatura de cordel*. Madrid: Ediciones de la Revista de Occidente, 1969.

BOLLÈME, Geneviève. *La Bible bleue: anthologie d'une littérature «populaire»*. Paris: Flammarion, 1975.

_____. *La Bibliothèque bleue: Littérature populaire en France du XVIIe au XIXe siècle*. Paris: Julliard, Collection Archives, 1971.

_____. *Les Almanachs populaires aux XVIIe et XVIIIe siècles: essai d'histoire sociale*. Paris: La Haye, 1969.

BORGES, Jorge Luis. El escritor argentino y la tradición. In: BORGES, Jorge Luis. *Discusión*. Madrid: Alianza Editorial, 1997.

BOTREL, Jean-François. *Libros, prensa y lectura en la España del siglo XIX*. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1993.

BROCHON, Pierre. *Le Livre de colportage en France depuis le XVI^e siècle, sa littérature, ses lecteurs*. Paris: Gründ, 1954.

CÁTEDRA, Pedro M. *Invención, difusión y recepción de la literatura popular impresa (siglo XVI)*. Mérida: Editora Regional de Extremadura, 2002.

CERTEAU, Michel ; JULIA, Dominique ; REVEL, Jacques. La beauté du mort. Le concept de "culture populaire". *Politique aujourd'hui*, décembre 1970.

CERTEAU, Michel. *La Culture au pluriel*. Paris: Union Générale d'Éditions, 1974.

CHARTIER, Roger ; MARTIN, Henri-Jean (Org.). *Le temps des éditeurs : du romantisme à la Belle Époque*. Paris: Fayard et Éditions du Cercle de la Librairie, 1990, tomo III.

_____. Des "secrétaires" pour le peuple? Les modèles épistolaires entre littérature de cour et livre de colportage. In : CHARTIER, Roger (Org.). *La Correspondance : les Usages de la lettre*. Paris: Fayard, 1991.

_____. Figures littéraires et expériences sociales: la littérature de la gueuserie dans la Bibliothèque bleue. In : _____. CHARTIER, Roger. *Livres et lecteurs dans la France d'Ancien Régime*. Paris: Éditions du Seuil, 1987.

_____. Lectures et lecteurs "populaires" de la Renaissance à l'âge classique. In : CHARTIER, Roger ; CAVALLLO, Guglielmo. *Histoire de la lecture dans le monde occidental*. Paris : Éditions du Seuil, 1997.

_____. Les livres bleus. In : _____. CHARTIER, Roger. *Livres et lecteurs dans la France d'Ancien Régime*. Paris: Éditions du Seuil, 1987.

_____. Stratégies éditoriales et lectures populaires, 1530-1660. In : _____. CHARTIER, Roger. *Livres et lecteurs dans la France d'Ancien Régime*. Paris: Éditions du Seuil, 1987.

_____. LÜSEBRINK, Hans-Jürgen. *Colportage et lecture populaire: imprimés de large circulation en Europe XVI^e-XIX^e siècles*. Paris: IMEC Éditions et Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1996.

DE GRAZIA, Margreta ; STALLYBRASS, Peter. The Materiality of the Shakespearean Text. In : *Shakespeare Quarterly*, Volume 44, Number 3, 1993.

DUVAL, Gilles. *Littérature de colportage et imaginaire collectif en Angleterre à l'époque des Dicey (1720-v. 1800)*. Bordeaux : Presses Universitaires de Bordeaux, 1991.

DUVAL, Valentin Jamerey. *Mémoires. Enfance et éducation d'un paysan au XVIII^e siècle*. Paris : Éditions Le Sycomore, 1981.

ENTERRÍA, María Gracia Cruz de. *Sociedad y poesía de cordel en el Barroco*. Madrid: Taurus, 1973.

FOIX, Adam. Ballads, Libels, and Popular Ridicule in Jacobean England. In: *Past and Present*, 145, 1994.

FONTAINE, Laurence. *Histoire du colportage en Europe, XV^e-XIX^e siècle*. Paris: Albin Michel, 1993.

HÉBRARD, Jean. L'autodidaxie exemplaire. Comment Valentin Jamery-Duval apprit-il à lire ? In: CHARTIER, Roger (Org.). *Pratiques de la lecture*. Paris : Éditions Payot et Rivages, 1993.

HELOT, René. *La Bibliothèque bleue de Normandie*. Rouen : Société Rouennaise des Bibliophiles, 1928.

INFANTES, Víctor. Los pliegos sueltos poéticos: constitución tipográfica y contenido literario (1482-1600). In : INFANTES, Víctor. *En el Siglo de Oro. Estudios y textos de literatura aurea*. Potomac, Maryland : Scripta Humanistica, 1992.

LECLERC, Marie-Dominique ; ROBERT, Alain. *Des éditions au succès populaire. Les livrets de la Bibliothèque bleue, XVII^e-XIX^e siècles.*, Présentation, anthologie, catalogue. Troyes: Centre Départemental de Documentation Pédagogique, 1986.

_____. *Les livres sur les femmes dans la Bibliothèque bleue. Généalogies textuelles et généalogies éditoriales (XVIIe siècle-mi-XIXe siècle)*. Paris: Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, 1985.

LÜSEBRINK, Hans-Jürgen, et. al. (Org.). *Les lectures du peuple en Europe et dans les Amériques du XVIIe au XXe siècle*. Bruxelles: Editions Complexe, 2003.

MANDROU, Robert. *De la culture populaire aux 17e et 18e siècles*. La Bibliothèque bleue de Troyes, Paris: Stock, 1964; rééditions, Paris: Stock, 1975.

_____. *Introduction à la France moderne: essai de psychologie historique*. Paris: Albin Michel, Collection L'Evolution de l'Humanité, 1961, rééditions avec un préface de Pierre Goubert et un postface de Monique Cottret, Philippe Joutard et Jean Lecuir. Paris: Albin Michel, 1998.

MARAIS, Jean-Luc. *Littérature et culture populaire aux XVIIe et XVIIIe siècles. Réponses et questions*. In: *Annales de Bretagne et des pays de l'Ouest*, 1980.

MARCO, Joaquín. *Literatura popular en España en los siglos XVIII y XIX: una aproximación a los pliegos de cordel*. Madrid: Taurus, 1977.

MARTIN, Henri-Jean. *Culture écrite et culture orale, culture savante et culture populaire dans la France d'Ancien Régime*. In: *Journal des savants*, 1975.

_____. *Le Livre français sous l'Ancien Régime*, Paris: Promodis-Editions du Cercle de la Librairie, 1987.

_____. *Livre, pouvoirs et société à Paris au XVIIe siècle*. Genève: Librairie Droz, 1969, t. II.

MELLOT, Jean-Dominique. *L'Edition rouennaise et ses marchés (vers 1600-vers 1730)*. Paris: École des Chartes, 1998.

MÉNÉTRA, Jean-Louis Ménétra *Journal de ma vie* Paris: Montalba, 1982. Réédition, Paris: Albin Michel, 1998.

MESSERLI, Alfred ; CHARTIER, Roger.

Lesen und Schreiben in Europa 1500-1900. Vergleichende Perspektiven / Perspectives comparées / Perspettive comparate. Bâle: Schwabe & Co AG, 2000.

MILLIOT, Vincent. *Paris en Bl: Image de la ville dans la littérature de colportage (XVIe-XVIIIe siècles)*. Paris: Parigramme, 1996.

MOLLIER, Jean-Yves (Org.) *Le commerce de la librairie en France au XIXe siècle, 1789-1914*. Paris: IMEC Editions et Editions de la Maison des Sciences de L'Homme, 1997.

_____. *Le camelot et la rue: Politique et démocratie au tournant des XIXe et XXe siècles*. Paris: Fayard, 2004.

_____. *Louis Hachette*. Paris: Fayard, 1999.

MORIN, Alfred. *Catalogue descriptif de la Bibliothèque bleue de Troyes (Almanachs exclus)*. Genève: Librairie Droz, 1974.

MORIN, Louis. *Histoire corporative des artisans du livre à Troyes*. Troyes: 1900.

NISARD, Charles. *Histoire des livres populaires ou De la littérature de colportage depuis l'origine de l'imprimerie jusqu'à l'établissement de la commission d'examen des livres de colportage (30 novembre 1852)*. Paris: Amyot, 1854.

OLIVERO, Isabelle. *L'Invention de la collection: de la diffusion de la littérature et des saviors à la formation du citoyen au XIXe siècle*. Paris: IMEC Editions et Editions de la Maison des Sciences de L'Homme, 1999.

SANDRES, Eve Rachele. *Gender and Literacy on Stage in Early Modern England*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

SAUVY, Anne Sauvy. *La librairie Chalopin. Livres et livrets de colportage à Caen au début du XIXe siècle*. *Bulletin d'histoire moderne et contemporaine*, n. 11, 1978.

SCHENDA, Rudolf. *Die Lesestoffe der Kleinen Leute. Studien zur populären Literatur im 19. und 20. Jahrhundert*. Munich: C.H. Beck, 1976.

_____. *Volk ohne Buch. Studien zur Sozialgeschichte der populären Lesestoffe, 1770-1910*. Munich: Deutschen Taschenbuch Verlag, 1977.

SEGUIN, Jean-Pierre. *L'Information en France avant le périodique : 517 canards imprimés entre 1529 et 1631*. Paris: Editions G.-P. Maisonneuve et Larose, 1964.

_____. *L'Information en France de Louis XII à Henri II*. Genève : Librairie Droz, 1961.

SPUFFORD, Margaret. *Small Books and Pleasant Histories: Popular Fiction and Its Readership in Seventeenth-Century England*. Londres: Methuen, 1981.

VELAY-VALLANTIN, Catherine. Le miroir des contes. Perrault dans les Bibliothèques bleues. In : CHARTIER, Roger (Org.). *Les Usages de l'imprimé, XVe-XIXe siècle*. Paris: Fayard, 1992.

WATT, Tessa. *Cheap Print and Popular Piety, 1550-1640*. Cambridge : Cambridge University Press, 1991.

Notas

¹Atividade relacionada à venda de livros por *colporteur*, vendedor ambulante que vende suas mercadorias de porta em porta. *Le Robert* – Dictionnaire de la Langue Française. Paris: Dictionnaires Le Robert, p. 244. Em virtude de sua característica linguística, optou-se em não traduzir estes vocábulos no decorrer do ensaio. (N. T.)

²São livros que do século XVII ao século XIX, destinados a um público mais popular, circularam pelo interior da França. Eram obras pequenas encadernadas de azul, impressas em papel de baixa qualidade e vendidas a custo baixo, que eram distribuídas pelos *colporteurs* (mascates). Essas brochuras contribuíram na constituição das mentalidades populares. Em virtude de sua característica linguística, optou-se em não traduzir estes vocábulos no decorrer do ensaio. (N. T.)

³Robert Mandrou, *De la culture populaire aux 17e et 18e siècles. La Bibliothèque bleue de Troyes*, Paris, Stock, 1964, rééditions, Paris, Stock, 1975, com um prefácio inédito, e Paris, Imago, 1999, com um prefácio de Philippe Joutard.

⁴Charles Nisard, *Histoire des livres populaires ou De la littérature de colportage depuis l'origine de l'imprimerie jusqu'à l'établissement de la commission d'examen des livres de colportage (30 novembre 1852)*,

Paris, Amyot, 1854, segunda edição Paris, E. Dentu, 1864; Emile Socard, « Estudo sobre os almanaques e os calendários de Troyes (1497-1881) », *Mémoires de la Société académique d'Agriculture, des Sciences, Arts et Belles-Lettres du département de l'Aube*, 1881, pp. 217-315; Louis Morin, *Histoire corporative des artisans du livre à Troyes*, Troyes, 1900; Pierre Brochon, *Le Livre de colportage en France depuis le XVIe siècle, sa littérature, ses lecteurs*, Paris, Gründ, 1954.

⁵Robert Mandrou, *Introduction à la France moderne. Essai de psychologie historique*, Paris, Albin Michel, Collection L'Evolution de l'Humanité, 1961, reedição com um prefácio de Pierre Goubert e um posfácio de Monique Cottret, Philippe Joutard et Jean Lecuir, Paris, Albin Michel, 1998.

⁶O autor utiliza o termo “canard”, que em francês é um termo pejorativo, significando que é mal redigido e, portanto, insignificante. (N.T.)

⁷Jean-Pierre Seguin, *L'Information en France de Louis XII à Henri II*, Genève, Librairie Droz, 1961, et *L'Information en France avant le périodique. 517 canards imprimés entre 1529 et 1631*, Paris, Editions G.-P. Maisonneuve et Larose, 1964.

⁸Geneviève Bollème, *Les Almanachs populaires aux XVIIe et XVIIIe siècles. Essai d'histoire sociale*, Paris-La Haye, 1969, *La Bibliothèque bleue. Littérature populaire en France du XVIIe au XIXe siècle*, Paris, Julliard, Collection Archives, 1971, e *La Bible bleue. Anthologie d'une littérature «populaire»*, Paris, Flammarion, 1975. Cf. também, a «Bibliothèque bleue» nel *Seicento o della letteratura per il popolo*, prefácio de Geneviève Bollème, Bari, Adriatica, e Paris, Nizet, 1981.

⁹Henri-Jean Martin, *Livre, pouvoirs et société à Paris au XVIIIe siècle*, Genève, Librairie Droz, 1969, t. II, pp. 954-958.

¹⁰Estas declarações alimentaram a discussão aberta pela publicação do artigo de Michel de Certeau, Dominique Julia e Jacques Revel, «La beauté du mort. Le concept de “culture populaire”», *Politique aujourd'hui*, décembre 1970, retomado em Michel de Certeau, *La Culture au pluriel*, Paris, Union Générale d'Editions, 10/18, 1974, pp. 55-94. Ver as respostas de Robert Mandrou no prefácio e na introdução da reedição de *De la Culture populaire aux 17e et 18e siècles*, Paris, Stock, 1975, pp. 11-33 e o artigo de Jean-Luc Marais, «Littérature et culture populaire aux XVIIe et XVIIIe siècles. Réponses et questions», *Annales de Bretagne et des pays de l'Ouest*, 1980, pp. 65-105.

¹¹Alfred Morin, *Catalogue descriptif de la Bibliothèque bleue de Troyes (Almanachs exclus)*, Genève, Librairie Droz, 1974.

¹²Henri-Jean Martin, «Culture écrite et culture orale, culture savante et culture populaire dans la France d'Ancien Régime», *Journal des savants*, 1975, pp. 225-284 (retomado em Henri-Jean Martin, *Le Livre français sous l'Ancien Régime*, Paris, Promodis-Editions du Cercle de la Librairie, 1987, pp. 149-186).

¹³Sobre os livreiros de *colportage* de Rouen e de Caen, ver René Helot, *La Bibliothèque bleue de Normandie*,

- Rouen, Société Rouennaise des Bibliophiles, 1928; Jean-Dominique Mellot, *L'Édition rouennaise et ses marchés (vers 1600-vers 1730)*, Paris, École des Chartes, 1998, pp. 587-596 et pp. 637-644, e Anne Sauvy, «La librairie Chalopin. Livres et livrets de colportage à Caen au début du XIXe siècle», *Bulletin d'histoire moderne et contemporaine*, n° 11, 1978, pp. 95-140.
- ¹⁴ Lise Andriès, *La Bibliothèque bleue au XVIIIe siècle: une tradition éditoriale*, Oxford, At the Taylor Institution, The Voltaire Foundation, 1989, e Roger Chartier, «Stratégies éditoriales et lectures populaires, 1530-1660» e «Les livres bleus», em Roger Chartier, *Livres et lecteurs dans la France d'Ancien Régime*, Paris, Editions du Seuil, 1987, pp. 87-124 e pp. 247-270.
- ¹⁵ Citamos, como exemplos de estudos consagrados a um conjunto textual particular no interior da *Bibliothèque bleue*, Roger Chartier, «Figures littéraires et expériences sociales: la littérature de la gueuserie dans la Bibliothèque bleue», em *Livres et lecteurs dans la France d'Ancien Régime*, op. cit., pp. 271-351; Marie-Dominique Leclerc, *Les livres sur les femmes dans la Bibliothèque bleue. Généalogies textuelles et généalogies éditoriales (XVIIe siècle-mi-XIXe siècle)*, tese de doutorado do terceiro ciclo, Paris, Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, 1985; Catherine Velay-Vallantin, «Le miroir des contes. Perrault dans les Bibliothèques bleues», em *Les Usages de l'imprimé, XVe-XIXe siècle*, sob a direção de Roger Chartier, 1987, pp. 129-185 e *Histoire des contes*, Paris, Fayard, 1992; Roger Chartier, «Des "secrétaires" pour le peuple? Les modèles épistolaires entre littérature de cour et livre de colportage», dans *La Correspondance. Les Usages de la lettre*, sob a direção de Roger Chartier, Paris, Fayard, 1991, pp. 159-207; Lise Andriès, *Le Grand Livre des Secrets. Le colportage en France aux 17e et 18e siècles*, Paris, Imago, 1994, e Vincent Milliot, *Paris en Bleu. Image de la ville dans la littérature de colportage (XVIe-XVIIIe siècles)*, Paris, Parigramme, 1996.
- ¹⁶ Nesta coleção seis títulos foram publicados entre 1982 e 1984: *Le Miroir des femmes*, textos apresentados por Arlette Farge, 1982; *Figures de la gueuserie*, textos apresentados por Roger Chartier, 1982; *Les Contes bleus*, apresentados por Geneviève Bollème e Lise Andriès, 1983; *Le Cuisinier français*, textos apresentados por Jean-Louis Flandrin, Philip e Mary Hyman, 1983; *La Fin dernière*, textos apresentados por Robert Favre, 1983, e *Histoires curieuses et véritables de Cartouche et Mandrin*, textos apresentados por Hans-Jürgen Lüsebrink, 1984. Pelas antologias de deferentes gêneros da *Bibliothèque bleue*, cf. Marie-Dominique Leclerc e Alain Robert, *Des éditions au succès populaire. Les livrets de la Bibliothèque bleue, XVIIe-XIXe siècles., Présentation, anthologie, catalogue*, Troyes, Centre Départemental de Documentation Pédagogique, 1986, e Lise Andriès e Geneviève Bollème, *La Bibliothèque bleue. Littérature de colportage*, Paris, Robert Laffont, Bouquins, 2003.
- ¹⁷ Lise Andriès, «La Bibliothèque bleue: les réécritures de "Robert le Diable"», *Littérature*, VIII, 1978, pp. 51-66, e «La Bibliothèque bleue: textes populaires et transcriptions lettrées», *Revue d'Histoire littéraire de la France*, 1981, pp. 24-41. Cf. também *Moyen Age et colportage. Robert le Diable et autres récits*, textos escolhidos e apresentados por Lise Andriès, Paris, Stock, 1981.
- ¹⁸ Por uma perspectiva do conjunto, cf. as obras de Rudolf Schenda, *Volk ohne Buch. Studien zur Sozialgeschichte der populären Lesestoffe, 1770-1910*, Munich, Deutschen Taschenbuch Verlag, 1977, e *Die Lesestoffe der Kleinen Leute. Studien zur populären Literatur im 19. und 20. Jahrhundert*, Munich, C.H. Beck, 1976, o artigo de Jean-Yves Mollier, «Pofácio», dans *Histoire de l'édition française*, sob a direção de Roger Chartier e Henri-Jean Martin, tomo III, *Le temps des éditeurs. Du romantisme à la Belle Époque*, Paris, Fayard e Editions du Cercle de la Librairie, 1990, pp. 569-593.
- ¹⁹ Isabelle Olivero, *L'Invention de la collection: de la diffusion de la littérature et des saviors à la formation du citoyen au XIXe siècle*, Paris, IMEC Editions et Editions de la Maison des Sciences de L'Homme, 1999.
- ²⁰ Jean-Yves Mollier, *Louis Hachette*, Paris, Fayard, 1999, em particular as páginas 293-353.
- ²¹ Jean-Yves Mollier, *Le camelot et la rue. Politique et démocratie au tournant des XIXe et XXe siècles*, Paris, Fayard, 2004.
- ²² Cf. o volume coletivo *Le commerce de la librairie en France au XIX siècle, 1789-1914*, sob a direção de Jean-Yves Mollier, Paris, IMEC Editions et Editions de la Maison des Sciences de L'Homme, 1997.
- ²³ *La Bibliothèque bleue et les littératures de colportage*, anais do colóquio organizado pela Biblioteca Municipal de Troyes em colaboração com a Escola Nacional de Chartes (Troyes, 12-13 novembre 1999) organizados por Thierry Delcourt e Elisabeth Parinet, Paris, École des Chartes et Troyes, La Maison du Boulanger, 2000 *La Bibliothèque bleue et les littératures de colportage*, anais do colóquio organizado pela Biblioteca Municipal de Troyes em colaboração com a Escola Nacional de Chartes (Troyes, 12-13 novembre 1999) organizados por Thierry Delcourt e Elisabeth Parinet, Paris, École des Chartes et Troyes, La Maison du Boulanger, 2000
- ²⁴ *Les lectures du peuple en Europe et dans les Amériques du XVIIe au XXe siècle*, sob a direção de Hans-Jürgen Lüsebrink, York-Gothart Mix e Jean-Yves Mollier e Patricia Sorel, Bruxelles, Editions Complexe, 2003.
- ²⁵ *Colportage et lecture populaire. Imprimés de large circulation en Europe XVIe-XIXe siècles*, sob a direção de Roger Chartier e Hans-Jürgen Lüsebrink, Paris, IMEC Editions et Editions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1996.
- ²⁶ Para uma reavaliação dos mecanismos responsáveis pela economia do colportage, cf. Laurence Fontaine, *Histoire du colportage en Europe, XVe-XIXe siècle*, Paris, Albin Michel, 1993, em particular pp. 69-94.
- ²⁷ Roger Chartier, «Lectures et lecteurs "populaires" de la Renaissance à l'âge classique», em *Histoire de la lecture dans le monde occidental*, sob a direção de Guglielmo Cavallo e Roger Chartier, Paris, Editions du Seuil, 1997, pp. 315-330.
- ²⁸ Julio Caro Baroja, *Ensayo sobre la literatura de cordel*,

- Madrid, Ediciones de la Revista de Occidente, 1969, María Gracia Cruz de Enterría, *Sociedad y poesía de cordel en el Barroco*, Madrid, Taurus, 1973; Joaquín Marco, *Literatura popular en España en los siglos XVIII y XIX. Una aproximación a los pliegos de cordel*, Madrid, Taurus, 1977, e Víctor Infantes, «Los pliegos sueltos poéticos: constitución tipográfica y contenido literario (1482-1600)», em Víctor Infantes, *En el Siglo de Oro. Estudios y textos de literatura aurea*, Potomac, Maryland, Scripta Humanistica, 1992, pp. 47-58.
- ²⁹ Pedro M. Cátedra, *Invenición, difusión y recepción de la literatura popular impresa (siglo XVI)*, Mérida, Editora Regional de Extremadura, 2002.
- ³⁰ Jean-François Botrel, «Les aveugles colporteurs d'imprimés en Espagne. 1. La confrérie des aveugles de Madrid et la vente des imprimés du monopole à la liberté du commerce (1581-1836) e «2. Les aveugles considérés comme mass-média», *Mélanges de la Casa de Velazquez*, t. IX, 1973, pp. 417-482 e t. X, 1974, pp. 233-271.
- ³¹ Tessa Watt, *Cheap Print and Popular Piety, 1550-1640*, Cambridge, Cambridge University Press, 1991, e Adam Foix, «Ballads, Libels, and Popular Ridicule in Jacobean England», *Past and Present*, 145, 1994, pp. 47-83.
- ³² Margaret Spufford, *Small Books and Pleasant Histories: Popular Fiction and Its Readership in Seventeenth-Century England*, Londres, Methuen, 1981, e Gilles Duval, *Littérature de colportage et imaginaire collectif en Angleterre à l'époque des Dicey (1720-v. 1800)*, Bordeaux, Presses Universitaires de Bordeaux, 1991.
- ³³ Jean-François Botrel, *Libros, prensa y lectura en la España del siglo XIX*, Madrid, Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1993.
- ³⁴ *Lesen und Schreiben in Europa 1500-1900. Vergleichende Perspektiven / Perspectives comparées / Perspettive comparate*, Herausgegeben von Alfred Messerli und Roger Chartier, Bâle, Schwabe & Co AG, 2000.
- ³⁵ Jean Hébrard, «La scolarisation des savoirs élémentaires à l'époque moderne», *Histoire de l'éducation*, 1988, pp. 1-58.
- ³⁶ Eve Rachele Sanders, *Gender and Literacy on Stage in Early Modern England*, Cambridge, Cambridge University Press, 1998.
- ³⁷ Cf. James Amelang, *The Flight of Icarus: Artisan Autobiography in Early Modern Europe*, Stanford, Stanford University Press, 1998, pp. 129-141; as edições de textos de Valentin Jamerey-Duval, *Mémoires. Enfance et éducation d'un paysan au XVIIIe siècle*, prefácio, introdução, notas e anexos por Jean Marie Goulemot, Paris, Editions Le Sycomore, 1981, e de Jean-Louis Ménétrel, *companheiro vidraceiro no século XVIII, Journal de ma vie*, editado por Daniel Roche, Paris, Montalba, 1982, réédition, Paris, Albin Michel, 1998, e Jean Hébrard, «L'autodidaxie exemplaire. Comment Valentin Jamery-Duval apprit-il à lire ?», dans *Pratiques de la lecture*, sob a direção de Roger Chartier, Paris, Editions Payot et Rivages, 1993, pp. 29-76.
- ³⁸ De Grazia, Margreta, et Stallybrass, Peter, «The Materiality of the Shakespearean Text», *Shakespeare Quarterly*, Volume 44, Number 3, 1993, pp. 255-283.
- ³⁹ Jorge Luis Borges, «El escritor argentino y la tradición», en Jorge Luis Borges, *Discusión*, (1932), Madrid : Alianza Editorial, 1997, págs. 188-203